CONGRESSO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO
ISSN 2763-8588

(RE)SIGNIFICANDO O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: os jogos para a aquisição da leitura e escrita

Amanda Murta Gama[1]
Isabella de Moraes Costa Paim[2]
Klegillen Beatriz da Silva Canelas[3]
Leonan da Silva Castro[4]

Eixo temático: 6. Alfabetização, cultura escrita, tecnologias educacionais e outras linguagens;

Resumo: Este estudo tem como objetivo refletir a respeito do processo de alfabetização a partir de uma perspectiva lúdica, haja vista que ainda há grandes falhas e lacunas que estão sendo sanadas, na medida em que se compreende a importância desta etapa e quais as melhores formas de proceder durante o desenvolvimento da leitura e da escrita. A partir de análise e reflexão foi possível perceber que a utilização de jogos permite que o educando tenha mais interesse durante o processo, pois os jogos auxiliam de forma lúdica e criativa no domínio da estrutura da escrita, da apreensão e desenvolvimento de consciência linguística, fonológica e semântica. Utilizando-se uma metodologia de pesquisa bibliográfica qualitativa para seu desenvolvimento e assim responder às questões propostas. Para isso, utilizamos autores como Smolka (2008), Cool e Monereo (2010), Freire e Macedo (2013), Ramos (2013) e Leão (2015). Desta forma, destaca-se que durante o processo de alfabetização a utilização de diferentes jogos podem ser uma prática pedagógica que possibilita novas formas de aprendizagem e potencializam a apropriação do conhecimento.
Palavras-chaves: Alfabetização; Processo; Jogo.

Introdução

O ser humano, enquanto animal social, necessita estabelecer comunicação e conexão com seus semelhantes e com o mundo que o cerca. Sabemos que os seres vivos, de uma forma geral, estabelecem entre si padrões comunicativos; entretanto, o ser humano se diferencia dos demais pelos métodos estabelecidos: a criação de uma língua, de um sistema comunicativo enquanto estrutura, e a criação da escrita alfabética enquanto tecnologia necessária para o registro de pensamentos, acontecimentos, auto expressão e interação social.

É a partir de uma concepção de que o fenômeno da linguagem se realiza a partir de situações de interação verbal (BAKHTIN, 2002) e como fundamental para a vida em

1 Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará. Contato: amanda.gama@iced.ufpa.br
2 Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará. Contato: isabella.paim@iced.ufpa.br
3 Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará. Contato: klegillen13@gmail.com
4 Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará. Contato: leonan.castro48@gmail.com

sociedade -especialmente nos dias atuais, haja vista que a globalização nos colocou imersos em um emaranhado infinito de informações que necessitam ser codificadas e decodificadas- que concebemos o processo de alfabetização: uma ação necessária para a inserção verdadeira do indivíduo no mundo, enquanto sujeito social, imbricado de direitos e deveres. No que diz respeito ao processo de alfabetização enquanto direito da criança e entrada no mundo (letrado e social), é possível observar tal concepção nos documentos da Base Nacional Comum Curricular - BNCC quando reconhece que:

> "[...] aprender a ler e escrever oferece aos estudantes algo novo e surpreendente: amplia suas possibilidades de construir conhecimentos nos diferentes componentes, por sua inserção na cultura letrada, e de participar com maior autonomia e protagonismo na vida social" (BRASIL, 2017, p. 63).

No entanto, apesar do reconhecimento dessa faceta do processo alfabetizador, o restante do documento citado traz consigo um enfoque voltado apenas para as dimensões ortográficas, fonéticas e fonológicas, ou seja, é um processo que não contribui para a formação social e política dos educandos, desconexo de suas realidades e desinteressante.

Diante de tais reflexões e a partir das discussões e leituras da disciplina de Linguagem Oral e Escrita da Universidade Federal do Pará, constatamos que o processo de alfabetização possui algumas falhas ou lacunas. No livro "A criança na fase inicial da escrita" (SMOLKA, 2008), a autora demonstra através de diversos exemplos como o processo de alfabetização está altamente defasado por não considerar esse processo em sua totalidade.

Assim, este trabalho tem como problema central a seguinte indagação: É possível conceber um processo de alfabetização a partir de uma perspectiva discursiva e lúdica?. Este problema desdobra-se em outras três questões complementares: "O que significa ser alfabetizado?"; "Como os jogos podem contribuir para o processo de alfabetização?".

A abordagem metodológica adotada para este trabalho é de cunho qualitativo, a partir da revisão bibliográfica de autores como Smolka (2008), Kramer (2010), Coll & Monereo (2010), Freire e Macedo (2013), entre outros, e documental, a partir do documento "Jogos de alfabetização" (2009), importantes por sua contribuição para o entendimento do que considera os como processo de alfabetização.

Alfabetização Enquanto Processo e Direito de Todos e Todas

O modo como fazemos uma pergunta também influi diretamente na sua resposta. Podemos perguntar "O que é? Como está sendo? Como gostaríamos que fosse?", cada pergunta geraria uma resposta diferente. Se perguntarmos "o que é alfabetização?", poderíamos dizer que é um processo sociocultural que consiste na aquisição de códigos alfabéticos e ortográficos de determinada língua; trata-se da aquisição de uma tecnologia, que, como qualquer sistema, possui funcionamento próprio, portanto, normas e regras

próprias. De acordo com Kramer (2010), alfabetização é:

> "Entrada no mundo da escrita. Direito de todos - crianças, jovens e adultos - à se tornarem leitores e pessoas que sabem escrever. Processo cultural, coletivo e sistematizado, que garante acesso ao acervo escrito de uma língua, nas suas mais variadas expressões, bem como assegura a produção criativa nesta língua. Inserção gradativa em práticas de leitura e escrita" (KRAMER, 2010, p. 2)

Por estarmos imersos num mundo tecnológico, bombardeados de informações 24h por dia, as distâncias parecem cada vez mais curtas; as mensagens são instantâneas e as crianças nem sequer precisam sair na rua pra brincar com o colega, basta entrar em uma *party*[5]**.** Pode ser difícil perceber a leitura e a escrita como uma tecnologia, afinal, tornou-se algo corriqueiro para nós, e tecnologia mesmo, é a câmera do iPhone mais recente. Entretanto, em concordância com Coll & Monereo (2010), considera-se a prática da leitura e da escrita como uma tecnologia, pois, foi o advento desta tecnologia que nos permitiu, em primeira instância, o registro.

Conceber a escrita e a leitura - processos de codificação e decodificação - como uma tecnologia e como um direito de todos, permite-nos uma analogia pertinente. Costumamos dizer que nossas crianças são, atualmente, nativas digitais, nascem e ganham muito cedo seu primeiro tablet, e desde a mais tenra idade, estão em contato direto com as tecnologias. A criança também observa atentamente desde cedo, como os pais utilizam os celulares; não sabem ler, mas, através de uma leitura imagética - ler sem saber ler -, sabem que aquele ícone vermelho é o youtube; sabem que basta um click para assistir seus desenhos; já viram seus pais fazerem aqueles movimentos inúmeras vezes.

Entretanto, é sabido que nem todas as crianças terão acesso a livros nas suas casas, e este fato se dá a partir dos mais diversos fatores, que podem ser por questões econômicas ou por não ser um hábito dos seus responsáveis, de todo modo, a responsabilidade ficará sobre a escola. De acordo com Ramos (2013, p. 30) o principal mediador da relação entre as crianças e os livros, é o discente.

Tal qual como ocorre com qualquer coisa na vida da criança, é preciso que ela explore o objeto, que manuseie, que veja como ele é utilizado; existe aqui uma necessidade de gerar e potencializar o interesse dos educandos pela literatura infantil. É preciso que haja interação da criança com o livro; da criança com o adulto - ou com um leitor/escritor - que ela veja outras pessoas manuseando o livro antes mesmo de aprender a ler, para que possam se encantar pelo mundo das palavras desde cedo.

[5] Criar uma party permite que o jogador entre em contato com outros jogadores, tanto por mensagem de voz quanto mensagem de texto, para que se comuniquem e/ou joguem juntos.

Perguntas: Em qual momento normalizamos que as crianças estivessem em contato direto com esta tecnologia - celulares e tablets-, e deixamos os livros e a literatura infantil em segundo plano? Aliás, os livros e a literatura infantil, em algum momento, estiveram em primeiro plano? Será que nossas crianças observam adultos lendo e manuseando livros tanto quando observam adultos manuseando seus celulares? Estamos garantindo que todos tenham acesso a esta tecnologia e assegurando que seja, verdadeiramente, “direito de todos”?

Tal qual aprender a utilizar um celular ou um computador, aprender a ler e a escrever, requer incentivo, recursos, profissionais comprometidos e capacitados, e uma série de outras coisas, mas, sobretudo, prioridade. Prioridade, pois, alfabetizar, está para além de ensinar a ler e a escrever. No livro “Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra”, Freire e Macedo (2013), traçam críticas ferrenhas ao processo de alfabetização tradicional e mecânico, que funciona apenas para aquisição de técnicas, e apontam para uma alfabetização como política cultural, que serve como práticas para empower e disempower os indivíduos.

Trata-se, portanto de superar a visão da alfabetização como mero processo de aquisição de um sistema de leitura e escrita, e assumir a visão de uma alfabetização que pode servir para dois propósitos:

- O propósito de produzir e reproduzir a ordem vigente, mantendo o *status quo* - *disempower*.
- Ou, servir ao propósito da transformação social; não funcionaria como a obtenção de um sistema e de técnicas, mas sim como a obtenção de um conjunto de práticas socioculturais, que são condição *sine qua non* para a construção de uma alfabetização crítica, democrática e emancipadora - *empower*.

Empoderar nossos educandos de uma leitura e escrita críticas é dar a eles a capacidade de ter palavra própria, e de utilizar estes mecanismos - leitura e escrita- para muito mais do que o simples ato. Não se trata de uma alfabetização parnasiana, que só tem valor em si própria, muito pelo contrário, trata-se de uma prática dialética, dialógica, crítica, consciente, emancipadora, democrática e sociocultural, que possui valor na medida em que capacita os indivíduos a terem voz, ação, leitura do mundo, leitura da palavra.

Os Jogos no Processo de Alfabetização

Dependendo da sua faixa etária e do momento em que ingressam no ambiente escolar, é possível afirmar que as crianças já dominam, em algum nível, a modalidade oral de sua língua nativa. Caso ainda não articulem fonemas ou palavras, a criança se comunica de alguma forma, pois já tiveram algum tipo de contato com sua língua mãe. Logo, a criança não chega na escola como uma tábula rasa no que concerne à linguagem e alfabetização. No que

tange à modalidade escrita da sua língua, entretanto, há certa divergência no que diz respeito ao uso feito pela criança e o exigido pela sociedade, uma vez que o primeiro não faz parte da norma padrão internacional que a escola exige, o que acaba sendo prejudicial aos alunos que estão no processo de aquisição da leitura e escrita.

Nessa perspectiva, a utilização de jogos no ambiente escolar é muito importante e no processo de alfabetização a escola tem papel fundamental de inserir brincadeiras e jogos nesse contexto. Leão (2015, p. 650) nos diz que:

> "O uso de jogos pode despertar nas crianças a motivação, a expressividade, a imaginação, a linguagem comunicativa, a atenção, a concentração, o raciocínio lógico, e podem englobar diferentes áreas do conhecimento, por isso constitui-se em um recurso de ponta no processo de alfabetização/letramento. A criança demonstra, a partir do lúdico e da brincadeira, interesses e gostos, desenvolve suas emoções e sua expressividade, a capacidade de resolução de problemas e desafios, construindo, assim, sua identidade; é uma coisa séria e não algo para "passar o tempo", como muitos equivocadamente pensam." (LEÃO, 2015, p. 650).

Assim, infere-se que os jogos auxiliam de forma lúdica e criativa no domínio da estrutura da escrita, da apreensão e desenvolvimento de consciência linguística, fonológica e semântica. Por intermédio de jogos é possível, por exemplo, estimular a consciência a respeito de rimas, do uso criativo da língua, da possibilidade de "movimentar" sílabas, sufixos, prefixos com a intencionalidade de criar outras palavras, a diferenciação de letras similares e desenvolver com a língua uma relação de maior confiança e espontaneidade.

A exemplo da utilização de jogos da forma com que citamos anteriormente, o caderno de Jogos de Alfabetização, material didático produzido em parceria da Universidade Federal de Pernambuco e o Ministério da Educação em 2008, traz uma série de atividades que podem ser utilizadas com a intencionalidade mencionada anteriormente. Destacamos aqui o jogo "Palavra dentro de palavra", o qual tem por objetivo a compreensão de que as palavras são compostas por unidades sonoras, por unidades menores que si próprias. Essa atividade descreve seu público alvo da seguinte maneira:

> Alunos em processo de alfabetização, que ainda não compreendam todos os princípios do sistema alfabético, tal como o de que palavras que possuem segmentos sonoros semelhantes possuem também sequências de letras similares; ou os que não compreendam que as palavras são constituídas de segmentos sonoros menores (sílabas). Também pode ser utilizado com alunos que necessitam sistematizar e consolidar a correspondência entre a escrita e a pauta sonora. (BRANDÃO; FERREIRA; ALBUQUERQUE; LEAL, 2009, p.66).

Para além dos aspectos linguísticos, os jogos são excelentes alternativas para trabalhar a interação dentro do processo de alfabetização. Se partirmos da compreensão de que alfabetização representa o ingresso da criança no mundo da leitura e o exercício de seu direito sobre a leitura do mundo, é possível visualizar de que forma a interação com o outro,

o desenvolvimento de identidade e a troca de experiências com o colega pode contribuir para um aprendizado integral e mais humano, mais em sintonia com a função da linguagem, conforme prega o ramo interacionista dos estudos da língua.

Resultados e Discussão

Ao conceber os processos de leitura e escrita em toda a sua complexidade, para além dos métodos de codificação e decodificação de códigos e símbolos, entendemos que a leitura e escrita situam o indivíduo no mundo, e potencializam sua criatividade e senso crítico, portanto "formar alunos leitores e escritores é compreender que a linguagem dos alunos é o único meio pelo qual podem desenvolver sua própria voz e construir suas palavras-próprias" (LUCIO, 2013, p. 117).

De acordo com Coll & Monereo (2010):

> A partir desse momento, e até a época atual, a formação de uma mente alfabetizada, letrada, capaz não apenas de decodificar foneticamente os grafemas como também de compreender os conteúdos de maneira significativa para utilizá-los, tem sido provavelmente, o principal objetivo da educação formal. (COLL; MONEREO, 2010, p. 18).

A alfabetização como direito de todos é também dever de todos. Assim, em concordância com Coll & Monereo (2010), vê-se a alfabetização como um dos principais objetivos da educação formal. Se um indivíduo adentra na instituição escolar e permitimos que ele saia sem ser e estar *empower*, ou seja, capacitado a romper com o *status quo* no qual a sociedade se encontra, também lhe furtamos a capacidade de criar para si e para a sociedade, as possibilidades de vivenciar novos horizontes, de ter consciência de sua prática social e cultural, e exercer com dignidade seu papel social, que lhe é direito. Alfabetização é ação; é processo social, histórico e cultural; é político e democratico que engloba e supera o "aprender a ler e a escrever".

Para Lucio (2013, p. 117):

> O grande desafio do tempo presente é conhecer os usos da leitura e da escrita das camadas que estão nas escolas públicas brasileiras para além dos muros da escola e das avaliações e, assim, efetivar o ensino da leitura e da escrita, garantindo um direito que historicamente foi negado: a alfabetização no sentido freireano, que virá acompanhada da democratização de práticas de uso da escrita pelas classes populares. (LUCIO, 2013, p.117).

Entretanto, para que a alfabetização que, além de necessária é um direito de todos e todas, ocorra da melhor forma, o docente pode e deve valer-se da ludicidade que os jogos proporcionam. Como vimos com Smolka (2008), quando o processo de alfabetização ocorre de forma descontextualizada e sem considerar os conhecimentos prévios dos discentes, além da não compreensão, há um forte desinteresse, justamente por não fazer sentido para a criança. Para que a aprendizagem ocorra da melhor forma, este processo precisa ser

contextualizado e interessante para o próprio educando, o que torna os jogos fundamentais, principalmente se considerarmos a indissociabilidade entre a criança e o ato de brincar.

Considerações Finais

Os estudos feitos oportunizaram um grande aprendizado para a compreensão da práxis educativa. Ao pensarmos no processo de alfabetização, automaticamente se pensa em métodos para começar e proceder da melhor forma. São conhecimentos importantes, mas que não farão sentido, tampouco cumprirão com sua missão, se forem considerados apenas os aspectos metodológicos de codificação e decodificação de símbolos, completamente desconexos da realidade dos educandos e sem a complexidade que este processo traz no seu cerne.

Saber ler e escrever, é estar empoderado de um poder transformador; é estar consciente do mundo que nos cerca, que é repleto de códigos e símbolos. O processo de alfabetização, de codificar e decodificar, de ler e escrever, são condição *sine qua non* para a mudança de si e do mundo.

Ao compreender esta questão, o professor também compreende a magnitude de sua tarefa enquanto educador. Entende que o processo deve considerar os conhecimentos prévios dos educandos e seu contexto histórico, social e cultural, assim como entende que, para ensinar, podemos nos valer do lúdico. A educação foi vista como um processo mecânico e tradicional por muito tempo. Propomos, para romper com este paradigma, a utilização dos jogos como ferramenta útil ao processo de alfabetização. O lúdico permite com que a criança aprenda brincando.

Referências

BAKHTIN, M.M./ V.N.Voloshinov. A interação verbal. In: _____. Marxismo e filosofia da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Veira. 10. ed. São Paulo, Hucitec, 2002.

BRANDÃO, Ana Carolina Perussi Alves; FERREIRA, Andrea Tereza Bito; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correa de; LEAL, Telma Ferraz. **Manual didático: Jogos de Alfabetização.** Recife: Editora Universitária, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 29 nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **O Cotidiano na educação infantil.** Brasília: 2006.

COLL, César; MONEREO, Carles (org.). **Psicologia da educação virtual**: aprender e ensinar com as Tecnologias da Informação e Comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra.** 7. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2013. 272 p.

KRAMER, Sônia. Verbete: Alfabetização. **Revista Sede de Ler**. Rio de Janeiro, nº 01, nov. 2010. Disponível em: https://sededeler.files.wordpress.com/2010/11/sede-de-ler-digital-n-011.pdf

LEÃO, Marjorie Agre. **O uso de jogos como mediadores da alfabetização/letramento em sala de apoio das séries iniciais.** Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), v. 44, n. 2, p. 647-656, 2015.

LUCIO, Elizabeth Orofino. O Pacto Nacional Pelos Direitos do Professor Alfabetizador: por uma política de responsabilidade e uma docência de responsividade. **Revista Práticas de Linguagem**, Juiz de fora, v. 3, n. 1, p. 112-118, jan./jun. 2013.

RAMOS, Graça. **As imagens nos livros infantis**: caminhos para ler o texto visual. Belo horizonte: Autêntica, 2013.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita:** a alfabetização como processo discursivo. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2008.